

Globethics Repository



A familia nunca será abolida [The family will never be abolished]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Roudinesco, Elizabeth
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-09-24 19:23:36
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163165

EDITORIAL

Nos dias 18, 19 e 20 de agosto, realizou-se, aqui em São Leopoldo, o 1º Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, tendo como tema Corporeidade, Etnia, Masculinidade. O evento foi uma promoção do Núcleo de Pesquisa de Gênero do Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia – EST. O congresso analisou “as relações existentes entre os referenciais gênero e religião, disseminando propostas para a desconstrução e reconstrução de identidades, de culturas, de conhecimentos e da própria religião”.

Por sua vez, na semana passada, esteve aqui na Unisinos a psicanalista e historiadora francesa Elizabeth Roudinesco. Os leitores do **IHU On-Line** a conhecem pois no n.º 58, de 5 de maio de 2003, o livro da autora, intitulado **A Família em Desordem**, ensejou o tema de capa daquele boletim, com a contribuição de diversos especialistas.

Esses dois eventos fizeram com que retomássemos o tema da família, relacionando-o, inspirados pelo congresso realizado na EST, com gênero e religião. Abrimos o debate com a entrevista da própria E. Roudinesco e o continuamos com as contribuições de André S. Musskopf, da EST, Miriam Pillar Grossi, da UFSC e Diego Irarrazaval, teólogo chileno e presidente da Associação de Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo.

Tema, sem dúvida, espinhoso e desafiador, cuja discussão não podemos eludir e que, certamente, não se esgota nesta edição. Necessariamente, voltaremos, no futuro, a ele. Acaba de ser lançada, no Brasil, uma obra clássica da teologia. Trata-se do livro de R. Bultmann, **A Teologia do Novo Testamento**. As entrevistas com o prof. Dr. Nélío Schneider, um dos organizadores da tradução e com o prof. Dr. Johan Konings, mostram a relevância da contribuição teológica de R. Bultmann para o cristianismo contemporâneo.

E, por ocasião da Semana da Pátria, fazemos ressoar a voz e o clamor do cidadão, jurista e professor Fábio Konder Comparato, que propõe uma Campanha Nacional em Defesa da República e da Democracia, uma Campanha, também chamada por ele, contra o descalabro.

A todas e todos, uma boa semana, um excelente feriado nacional e uma ótima leitura!

[\(Voltar ao índice\)](#)

MATÉRIA DE CAPA

A FAMÍLIA NUNCA SERÁ ABOLIDA

Entrevista com Elizabeth Roudinesco

“Há uma resistência da família à idéia de que tudo parece evoluir para a transformação do homem em objeto de mercadoria”, afirma a psicanalista e historiadora francesa Elizabeth Roudinesco. Para ela, a certeza da existência da família radica na necessidade do ser humano de criar vínculos. Roudinesco nasceu em 1944. Depois de ter recebido uma formação psicanalítica e literária, dedicou-se à teoria freudiana, tendo sido membro da Escola Freudiana de Paris de 1969 a 1980. Atualmente, é psicanalista e escritora. A pesquisadora

concedeu a entrevista a seguir, ao **IHU On-Line**, na quarta-feira passada, dia 1º de setembro, momentos antes de ministrar a conferência A Família em Desordem, no Anfiteatro Padre Werner. O tema da palestra é o título de um dos seus livros mais conhecidos, **La famille en désordre**. O livro já foi traduzido em várias línguas e foi publicado no Brasil pela Jorge Zahar Editora, do Rio de Janeiro em 2003. Duas resenhas da obra e uma entrevista com a Profª. Dr.ª Valburga Streck, constituíram a matéria de capa da edição n.º 58, do **IHU On-Line**, de 5 de maio de 2003, que ajudaram a levantar questões e a debater a instituição família, hoje. Roudinesco também é autora de **Jacques Lacan. Esquisse d'une vie, histoire d'un système de pensée**, Paris: Fayard, 1993; **Pourquoi la psychanalyse?** (Por que a psicanálise?), coleção História do Pensamento, Paris: Editora Fayard, 1999. **Dictionnaire de la psychanalyse** (Dicionário da psicanálise), Paris: Editora Fayard, 1997. **Histoire de la psychanalyse en France**. Paris: Editora Fayard, 1983. Este mesmo livro foi publicado em português, pela editora Jorge Zahar, do Rio de Janeiro, em 1989, sob o título **História da Psicanálise na França**.

IHU On-Line- No livro *A Família em Desordem*, a senhora parece defender que está havendo uma revalorização da família, que ela nunca será abolida...

Elizabeth Roudinesco- Eu não falei de revalorização da família. Eu falei de desconstrução. Mostrei o fato de que houve uma modificação da família através de uma desconstrução, isto é, uma certa corrosão da família antiga, patriarcal, ao mesmo tempo que ela renasce, apesar do terror do discurso da abolição da família e da perda da autoridade. Então, a tese central é que, certamente, a família se modifica, se modela, mas o modelo patriarcal, tradicional se desconstrói em um século, mas não obstante a família permanece num meio absolutamente impossível de abolir. Revalorização não é a palavra adequada. Eu apenas disse que se revalorizou a função simbólica da família, à medida que houve uma desconstrução do ideal patriarcal, na medida em que os homossexuais, por exemplo, têm buscado uma família, e na medida em que eles foram excluídos e contestados nos últimos anos. Isso mostra bem o efeito que tem o processo inverso.

IHU On-Line- Que riscos pode apresentar a nova situação familiar?

Elizabeth Roudinesco- A família não corre risco de dissolução. Não há família ideal, bem ordenada. Ela está sempre em desordem. Em relação ao passado, a desordem não pode ser tão dissimulada como antes, mas sempre houve desordem.

IHU On-Line- A família ideal é uma abstração?

Elizabeth Roudinesco- Sim. Não existe família ideal. Arrisca-se bastante em fabricar algo que não existe. A família é atingida fortemente pelo desfalecimento. Há algo muito forte que se quis abolir. Mas os apocalípticos têm sempre muitos lamentos sobre a destruição da família. Cada época tem seus lamentos sobre a destruição da família, mas a realidade é outra.

IHU On-Line- A capacidade do ser humano de estabelecer vínculos seria a certeza da sobrevivência da família?

Elizabeth Roudinesco- Sim. Este é um grande paradoxo que ocorre sempre. Existe uma família de união parental, existe uma família recomposta e uma família como uma variante. Contestou-se muito a família. Sempre se quis abolir a família, o que de fato é impossível, porque as pessoas sempre vão precisar estabelecer vínculo. É algo paradoxal.

IHU On-Line- A palavra “desordem”, no título do livro, não seria expressiva, já que nunca houve ordem na família?

Elizabeth Roudinesco- O título que eu procurei durante muito tempo situa-se na questão da disposição dos números na ordem e na desordem. Pensei durante muito tempo sobre o título e achei o exemplo das corridas de cavalos. Aposta-se em determinados números e se pode ganhar na ordem ou na desordem desses números. E aqui não é tanto no sentido pejorativo que se usa a palavra desordem. Não sei como ela soa em português, mas em francês, falar de “desordem” da família é como se a corrida tivesse sido ganha em desordem (fora da ordem numérica). Porque, caso contrário, eu teria usado “a família desordenada”. Poderia também ter falado na “desordem” da família. Eu começo com a figura do pai e com a família medieval, patriarcal e clássica. E eu mostro como esta imagem se desfaz, sem que, com isso, a família deixe de existir. E quando essa imagem se desfaz, surge o papel da mãe, da maternidade. Mas, no antigo regime, se considerava que a mãe não contava para nada. Somente o homem contava, só contava a semente paterna. E as crianças eram tidas como objetos dos pais. E eu mostro como esse modelo se desfaz, aparecendo outros componentes. Então, com o termo “desordem”, estou falando precisamente disso.

IHU On-Line- O crescimento do divórcio, na segunda metade do século XX, ajudou a democratizar a família?

Elizabeth Roudinesco- O divórcio é uma necessidade democrática. Não se pode pensar que, num modelo democrático, não haja divórcio. O modelo democrático supõe a liberdade dos indivíduos, a liberdade do casamento e o fim dos casamentos arranjados pelos pais. Então, automaticamente, fica impossível não institucionalizar a separação. Nas famílias, não havia a autorização do divórcio. Havia uma separação das atividades sexuais e das atividades de reprodução. O matrimônio era, então, uma instituição sagrada feita para jamais se dissolver e ele constituía a institucionalização da família. Mas, sabe-se muito bem que um homem e uma mulher não conseguem ser fiéis e felizes durante toda a vida. Isso é raríssimo. E isso também era raríssimo antigamente. Mas, não ser fiel é condenado para as mulheres e, entre os puritanos, isso é condenado para os homens e para as mulheres. Entre os católicos, tolerava-se que os homens tivessem amantes. Então, o divórcio não fez senão confirmar essa situação. Mas, o paradoxo do divórcio é que não se associou ao desejo, ao amor e ao sexo. No século XIX, havia casamentos por amor, e não apenas casamentos arranjados à antiga. E, com o casamento por amor, surge, necessariamente, o divórcio, porque, em determinado momento, vai se amar um outro ser, com todas as suas conseqüências. Entende-se bem que esse modelo se enquadra com a democracia. E, em todas as instituições democráticas, existe o divórcio. São necessidades psicológicas que são atendidas. Isso não é uma catástrofe, antes pelo contrário. Mas, cada sujeito é colocado numa situação de angústia, porque se confronta com algo que ele não conhece. Então, evidentemente, a família tradicional é um dilema, porque deve escolher, seja a liberdade, seja a confrontação com a angústia, o desejo e o amor, seja a sociedade coercitiva onde os casamentos são arranjados e não existe a democracia nem o divórcio. Da mesma forma, eu acrescentaria o direito das crianças, que mudou completamente. As mulheres e os homens são agora pessoas livres, mas transitórias. Onde decorre a dificuldade de exercer a autoridade com as crianças. Aí entra a autoridade clássica das escolas. Durante mais de um século, se exigiu uniforme, separaram-se os meninos das meninas e se exigiu obediência como militares, mesmo em escolas fora do sistema. Era algo incrível. Isso mudou completamente, e hoje a gente se interessa muito pelo desejo da criança, graças às sessões psicanalíticas. Porém, com isso, surgiu também o problema de como manter a autoridade, dando liberdade às crianças.

IHU On-Line- Nesse contexto familiar, como mudaram as funções do masculino e feminino, da maternidade e da paternidade?

Elizabeth Roudinesco- Elas se distribuem de outra maneira. Há, evidentemente, uma distorção entre o sexo anatômico, as representações e o sexo se complexifica. O modelo clássico do casamento, com todo o seu cunho religioso, supunha a dimensão biológica, supunha a diferença anatômica entre os dois sexos. Mas, pode-se realmente imaginar que, na recomposição da família, essas posições são ocupadas por outras. Por exemplo, na família recomposta há o divórcio, onde o avô ou o padrasto pode exercer uma função paterna. Há a diferença do pai biológico e do pai que vai criar a criança. A criança, numa família recomposta, pode ter dois pais: o pai biológico e o segundo marido da mãe, o qual tem uma outra função. E pode haver a segunda mulher de seu pai. E as crianças sabem muito bem arranjar-se com isso. E isso também é válido para a família restrita, onde um tio pode ter essa função. Hoje em dia, geram-se menos filhos, e a família está reduzida a um núcleo familiar. Não há mais os avós em casa, nem a presença de tios e tias. A família deixou de ser uma grande convivência, como outrora. Mas a família recomposta ainda exerce um pouco essa função: os meio-irmãos, as meio-irmãs. Em outras palavras, há uma transformação, mas, no fundo, é a mesma realidade. Como não temos mais tantas crianças, também os avós têm outra função. Algumas vezes, as pessoas são muito jovens quando têm seus filhos, e outras vezes, os filhos são gerados muito tarde. Aí certamente vão faltar os avós. É a visão de um outro sistema. Há também a noção da adolescência, questão que se definiu no final do século XIX. Antes disso, ia-se diretamente da infância à idade adulta. Às vezes, as moças e os rapazes casavam cedo. Casava-se quase antes da puberdade, porque não havia escolha dos parceiros. Hoje há uma divisão diferente das idades da vida.

IHU On-Line- Que diferenças podem ser constatadas entre as famílias heterossexuais e as que tendem a formar lares homossexuais?

Elizabeth Roudinesco- Há aí uma grande onda de contestação da árvore familiar. É a última etapa da desconstrução. E aí sobressaem primeiro as mulheres homossexuais. Mulheres que haviam contestado a ordem familiar patriarcal, com a idéia de formar uma família alternativa, não no sentido de dissolver a família, mas no de ter liberdade sexual e ter filhos. Da mesma forma como conquistou a condição de ser mulher, e não somente mãe, ela quer ser homossexual e também mãe. Assim como as mulheres tiveram filhos com homens, elas se deram conta de que, sendo homossexuais após o primeiro casamento, elas têm as mesmas condições de educar filhos.

IHU On-Line- E como você vê a situação dos filhos nesse contexto?

Elizabeth Roudinesco- A idéia era de não ligar o homossexualismo à paternidade e à maternidade. E a questão se referia mais aos homens, porque uma mulher pode passar por uma procriação, com as novas tecnologias, sem relacionamento com um homem. Mas, no caso de um homem, o filho só pode ser adotado. Na sociedade antiga, as mulheres controlavam a procriação pelo casamento e pelo adultério, os homens não. E com o surgimento do problema da Aids, há um grande esforço de defesa dos homens, porque houve a morte de toda uma geração. É como se houvesse uma reação de vida após a Aids. A primeira geração de homossexuais, depois da Aids, morreu. E toda a comunidade homossexual mundial viu o problema como uma grande ameaça que se aproxima. Não havia como escapar... Saber que se vai morrer jovem, saber que se está condenado de antemão é uma idéia inaceitável.

IHU On-Line- Há uma visão bem otimista do futuro da família, essa visão permanecerá?

Elizabeth Roudinesco- Sim. Não estou muito preocupada. Todo mundo vai continuar formando uma família. Há uma resistência da família à idéia de que tudo parece evoluir para a transformação do homem em objeto de mercadoria. Mas a família resiste. É uma resistência séria, penso eu. A família é uma espécie de lugar de humanização contra a animalização. E com isso ocupa uma bela posição.

[\(Voltar ao índice\)](#)

IDENTIDADE MASCULINA E CORPOREIDADE

Entrevista com André Sidnei Musskopf

*“Fala-se muito, hoje, na academia, mesmo na mídia ou nas publicações que circulam da “crise do macho”, da crise do masculino. Tenho a sensação de que essa popularização da crise do masculino é uma forma disfarçada de os homens continuarem em cena”, afirma o teólogo André Musskopf, que conversou com o **IHU On-Line** durante o I Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, acontecido na Escola Superior de Teologia – EST -, em São Leopoldo, de 18 a 20 agosto 2004. Segundo ele, não necessariamente os homens estão em crise, mas o modelo hegemônico de masculinidade, e os diversos movimentos contemporâneos, especialmente movimentos feministas e de homossexuais vão influenciando para novas formas de pensar a questão de gênero. André Sidnei Musskopf é coordenador do Centro de Estudos Bíblicos - CEBI/RS. Graduado em Teologia, pela Escola Superior de Teologia- EST -, especialista em Pastoral Care Department, pelo Clara Maass Medical Center, CMMEDCEN, Estados Unidos, mestre em Teologia, pela EST, com dissertação intitulada “Ministérios Ordenados e Teologia Gay - Retrospectiva e Prospectiva sobre a ordenação de pessoas homossexuais”. É autor de **Uma brecha no armário - propostas para uma teologia gay**. São Leopoldo: Sinodal, 2002 e organizador, juntamente com Marga J. Ströher e Wanda Deifelt, do livro, **A flor da pele - Ensaios sobre gênero e corporeidade**. São Leopoldo: Sinodal, EST, CEBI, 2004.*

IHU On-Line - Quais podem ser os pontos de partida na hora de pensar sobre identidade masculina e corporeidade?

André Musskopf – Eu trabalho com a perspectiva da *Teoria Queer*¹, procurando a idéia de desestabilizar modelos. Para isso, trabalhei primeiro com o modelo de masculinidade e corporeidade hegemônica. O que quer dizer que a masculinidade é construída no corpo e através do corpo. Não existe uma identidade masculina separada do corpo. A identidade se manifesta na corporeidade, e a corporeidade é a construção dessa identidade. Procuro mostrar como se constrói, ou como se analisa a construção dessa masculinidade hegemônica, trazendo referenciais da psicanálise, que fala do processo de castração/sublimação, falando do processo de socialização que está na linha da psicologia.

IHU On-line – Como se caracteriza essa identidade masculina hegemônica?

André Musskopf- É marcada pelo endurecimento, pelo enrijecimento do homem. Isso se manifesta pela competitividade, da presença da força, algo muito forte na identidade masculina, que também desencadeia, por exemplo, toda a discussão da violência provocada e gerada pelos homens. Esse modelo se tem tentado também desconstruir para propor novas possibilidades de construção da identidade masculina. Quando falo de identidade masculina, corporeidade e identidade, para mim, não se separam, são muito próximas. Na questão da

¹ A *Teoria Queer* se desenvolveu nos anos 1980, nos Estados Unidos, com a publicação do livro **Gender Trouble** de Judith Butler, que possui um alto grau de influência do filósofo francês Michael Foucault e suas idéias sobre a sexualidade. A palavra *queer*, em inglês, é uma gíria usada para a referência a homossexuais. (Nota do **IHU On-Line**)